

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

**Instituto de Ciências Humanas e Sociais**

**Departamento de Letras**

**Curso de Licenciatura em Letras-Português**

**DANIELA MARTINS COELHO DO CARMO SILVA**

**HOMENS COMO CÃES: AUTORITARISMO E ANIMALIZAÇÃO DO SUJEITO NO  
ROMANCE OS QUE BEBEM COMO OS CÃES, DE ASSIS BRASIL**

**MARIANA**

**2026**

**DANIELA MARTINS COELHO DO CARMO SILVA**

**HOMENS COMO CÃES: AUTORITARISMO E ANIMALIZAÇÃO DO SUJEITO NO  
ROMANCE OS QUE BEBEM COMO OS CÃES, DE ASSIS BRASIL**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à disciplina Trabalho de  
Conclusão de Curso II ministrada pela Prof.  
Dr<sup>a</sup>. Eliane Mourão.

Orientador(a) da pesquisa: Prof. Dr Victor Luiz  
da Rosa.

**MARIANA**

**2026**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Daniela Martins Coelho do Carmo Silva**

**Homens como cães: autoritarismo e animalização do sujeito  
no romance *Os que bebem como cães*, de Assis Brasil**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Federal  
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Letras-Português

Aprovada em 28 de fevereiro de 2026

Membros da banca

Dr. Victor Luiz da Rosa (Orientador) - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Mônica Fernanda Rodrigues Gama - Universidade Federal de Ouro Preto

Victor Luiz da Rosa, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02 de março de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **Victor Luiz da Rosa, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/03/2026, às 15:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1081115** e o código CRC **376BAEE0**.

## Resumo

O presente trabalho visa analisar as representações da animalidade no livro *Os que bebem como os cães* (1975) atreladas ao regime autoritário instaurado durante a ditadura militar no Brasil, assim como as contribuições da obra para a construção da memória coletiva. A metodologia utilizada para desenvolvimento da pesquisa foi a análise qualitativa de dados, tendo como aporte teórico as obras de Derrida (2002), Maciel (2016, 2023), Haraway (2021) e Figueiredo (2025). A partir das discussões apresentadas na obra, foi possível identificar o uso da animalidade como ferramenta de representação e denúncia das torturas ocorridas no período da ditadura militar, assim como a obra de Assis Brasil utiliza elementos importantes para a promoção da empatia e proximidade entre leitores e vítimas daquele período.

Palavras-chave: ditadura; animalidade; Assis Brasil; literatura como denúncia.

## **Abstract**

This study aims to analyze representations of animality in the book *Os que bebem como os cães* (1975) linked to the authoritarian regime established during the military dictatorship in Brazil, as well as the contributions of the work to the construction of collective memory. The methodology used to develop the research was qualitative data analysis, with theoretical support from the works of Derrida (2002), Maciel (2016, 2023), Haraway (2021), and Figueiredo (2025). Based on the discussions presented in the work, it was possible to identify the use of animality as a tool for representing and denouncing the torture that occurred during the military dictatorship, as well as how Assis Brasil's work uses important elements to promote empathy and closeness between readers and victims of that period.

**Keywords:** dictatorship; animality; Assis Brasil; literature as denunciation.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>COM OS CÃES.....</b>	<b>7</b>
<b>COMO OS CÃES.....</b>	<b>14</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Período autoritário que durou 21 anos, a ditadura militar do Brasil iniciou em 2 de abril de 1964, quando o golpe de Estado foi formalizado pelo Congresso Nacional, resultando na cassação de diversos políticos, além da perseguição e tortura contra as instituições e indivíduos considerados como inimigos do regime. Em *Ditadura escancarada* (2002), Elio Gaspari trata sobre o período entre os anos de 1969 e 1973, período marcado por um dos piores momentos da ditadura militar. No entanto, o que era disseminado para a população era a ideia de um grande crescimento econômico no país, além do uso das propagandas culturais a favor do regime, como a importante conquista no futebol brasileiro, a Copa de 1970, no México. Envolvido por esse cenário e melhora nas condições econômicas da população, o país vivenciava uma dualidade: por trás das flores, o regime controlava a imprensa, fechando, depredando e definindo o que deveria ser publicado para que fosse disseminado a ideia de um país grandioso e promissor, ao mesmo tempo que os conflitos presentes no país eram acobertados para legitimar a permanência do regime no poder.

Nos governos de Castello Branco e Costa e Silva, havia uma censura seletiva, pois jornais como o *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* publicavam campanhas contra a tortura e textos de Mariguella sobre as guerrilhas. No entanto, esse cenário mudou em 12 de dezembro do mesmo ano, quando os jornais e rádios eram vigiados pela Polícia Federal, que deveria estar a postos para calar qualquer manifestação contra a Ditadura. Esse cenário era apenas um prelúdio para o que haveria de vir, a implementação do AI-5 que intensificou as torturas e perseguições contra diversos grupos de oposição. Sendo considerado o período mais repressivo da ditadura militar, os anos de chumbo foram iniciados a partir da implementação desse Ato Institucional, que possibilitou o fechamento do Congresso Nacional, dando maior poder ao presidente da época. Nesse período, além da perseguição às pessoas contrárias ao regime, houve aumento no número de mortes, assim como acirramento da censura nos meios artísticos e midiáticos.

Em *Ditadura Encurralada* (2004), Gaspari aborda o período após os anos de chumbo, em que houve o processo de redemocratização, ocorrendo progressivamente a

abertura política. Essa abertura ocorreu de maneira lenta e gradual, em resposta à derrota da ala militar nas urnas, em que a oposição obteve uma vitória significativa, além da resistência ao governo dentro do próprio exército. A redemocratização foi um processo que tinha como foco preservar o poder militar ao mesmo tempo que o autoritarismo era reduzido de forma seletiva. Nesse sentido, o processo ocorreu repleto de tensões, apresentando surtos de autoritarismo e desconfiança entre o grupo mais radical militar que enxergava esse processo como uma ameaça à permanência da ordem pública, tendo ocorrido em resposta à crise política que o regime passava.

No que diz respeito à literatura, no início da década de 1970, Renato Franco, em “Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70” (2003) aponta dois caminhos de representação relacionados ao contexto no qual eles estavam inseridos. O primeiro estava atrelado à necessidade de representar a sensação de “esquartejamento” que havia no ambiente artístico devido à forte repressão do período, movimento que esteve muito presente na poesia que é conhecida hoje como poesia marginal ou geração mimeógrafo. O segundo procurava demonstrar a dificuldade de estabelecimento do lugar do escritor, que não sabia mais sobre a real importância da escrita e da atuação política, apresentando, assim, um romance desiludido da possibilidade de transformação revolucionária e da própria condição do autor como atuante social - contexto da literatura nomeado de “cultura da derrota”. Já os romances de 1975, ano de publicação do livro *Os que bebem como cães* (1975) de Assis Brasil, objeto desta monografia, eram divididos em “romance-reportagem” ou “romance de denúncia”, e ambos tinham como foco denunciar as violências e abusos cometidos pelo regime militar, tratando os acontecimentos políticos além da versão oficial dos fatos.

Realizando um recorte para o grupo romance-denúncia, Flora Süssekind trata no livro *Tal Brasil, qual romance* (1984) que as obras da década de 70 tinham como contexto histórico de produção o sufocamento dos meios de comunicação pela censura. Como a verdade não podia ser veiculada de forma tradicional pelos jornais, a ficção “tomou” o papel da notícia e da reportagem, transmitindo de maneira objetiva os acontecimentos negligenciados à população comum, estando essa esfera privilegiada por essas informações. Segundo a autora, para realizar essa missão, esse setor não tinha dificuldades em driblar a censura, pois a sessão policial dos jornais da época não tinha grande fiscalização. Nesse sentido, as histórias contadas em suas narrativas tinham como premissa transmitir em forma de ficção as verdades que o Estado não contava. Para isso, ao invés de retratar os fatos como História, utilizava-se como método a singularização de cada uma delas, ou seja, informações sobre acontecimentos

e formas de tratamento generalizadas ou tratadas como típicas do período eram trazidas a um personagem em específico, para que houvesse aproximação entre leitor e àquelas pessoas perseguidas pela ditadura.

Dessa forma, é trazido o conceito de “romance alegórico”, noção em que situações típicas são tratadas como totalidade, fazendo com que o fato explorado represente toda organização social e política do país. Dentre as características marcantes desses romances estão a figura do herói tradicional, representado por uma figura marginalizada e perseguida, marcada por fortes valores conservadores, além de haver uma nacionalidade temática que não é inovadora, mas importada da estética estadunidense. Além do uso da singularidade, a autora destaca também a temática do naturalismo nas obras, que apesar de tentarem evocar um traço estilístico, as narrativas se limitam a uma utilização mais “documental” sobre o Brasil, ou seja, valorizando uma representação do real e reduzindo a ficcionalização e invenção que cabe a literatura.

Pertencente a esse contexto histórico, político e literário, o livro *Os que bebem como os cães* (1975) de Assis Brasil expõe as vivências de um prisioneiro torturado por se rebelar contra o regime ditatorial. Escrita por Francisco de Assis Almeida Brasil, a obra é pertencente ao ciclo do terror, uma tetralogia que traz como temática a violência e a natureza destrutiva do homem. Fazem parte dela as publicações *Os que bebem como os cães* (1975), *O aprendizado da morte* (1976), *Deus, O sol, Shakespeare* (1978) e *Os crocodilos* (1980). O livro foi premiado com o prêmio Walpalm, assim como seu outro livro, *Beira rio, Beira vida* (1965), sendo um relevante autor da literatura brasileira.

Piauiense, ele nasceu na cidade de Parnaíba e teve grande atuação na imprensa nacional. Foi crítico literário de importantes jornais do país, tais como O Globo e Jornal do Brasil, além de ter sido colunista em diversos jornais, publicando artigos e ensaios. Além das duas obras premiadas, o autor teve mais 104 obras publicadas. (Mafuá, 2004; ABL, 2018).

A narrativa da obra analisada apresenta um homem que não possui lembranças do seu passado e que busca compreender porque está preso naquela cela. Os capítulos da narrativa são nomeados em três acontecimentos principais: “A cela”, “O pátio” e “O grito”. Esses capítulos se repetem ao longo da obra, sendo divididos em 41 partes e, apesar de se basearem na rotina repetitiva do prisioneiro, não deixam a obra menos progressiva, apresentando uma continuidade dos acontecimentos narrados por ele por meio da transmissão dos seus pensamentos e da retomada gradual de sua memória.

Durante o desenvolvimento do enredo, o personagem é deparado com um tratamento brutal e desumano por parte dos guardas da prisão, que o mantém algemado e sem

possibilidade de se alimentar adequadamente, sendo mantido jogado ao chão da cela - local onde exercia quase toda sua vivência diária. A única quebra da rotina do homem se dava nos momentos em que era levado ao pátio para banhar-se, o que ocorria uma vez ao mês, tendo breve contato com os outros prisioneiros sem poder, no entanto, se comunicar com eles. A única possibilidade de resistência era o grito que ecoava nos muros do pátio, em que ele e os seus companheiros transmitiam o seu sofrimento e a falta dos seus familiares.

A animalidade, desde então, é representativa na ambientação crítica da obra, e se aprofunda à medida que o autor elabora uma relação metafórica entre o cão e o personagem principal. Isso pode ser identificado através das atitudes do personagem que se assemelham às vivências de um cão doméstico, como nos momentos de sua espera incessante pela saída ao pátio, e na relação com o tratamento dos guardas, sendo maltratado e subjugado por eles, podendo ser realizada uma associação à figura negativa do cão vira-lata como escória social. Além dessa relação entre o personagem e o cão, há também a relação de companheirismo criada entre o personagem e os ratos que convivem com ele na cela, não sendo associada a uma visão de superioridade, mas sim, de companheirismo entre eles. Nesse sentido, assim como Franco (2003) trata sobre romances daquele período, o romance busca denunciar as atrocidades cometidas contra os sujeitos tidos como inimigos políticos do regime, tendo como elemento da narrativa a utilização da animalidade para sua construção poética.

Tendo como objeto de estudo tal obra, esta monografia discutirá sobre as possíveis representações da animalidade do sujeito no livro, utilizando, como parâmetro inicial, a obra *Literatura e Animalidade* (2016) e *Animalidades - Zooliteratura e os limites do humano* (2023) da autora Maria Esther Maciel, em que ela apresenta uma visão entre humanos e animais menos hierarquizante, pautando a literatura como forma de aproximação entre esses seres. A autora critica a visão ocidental sobre a figura animal, que trata o humano como figura superior aos demais. Se opondo a isso, ela procura associar nossa existência com a deles, indo ao encontro da nossa própria natureza animal, sem pretender tratar essa figuração de forma pejorativa. Além disso, ela busca fugir do conceito de animalidade na literatura apenas como um tema de representação da figuração humana, trazendo abordagem de autores contemporâneos na literatura que buscam compreender e se aproximar da visão do outro ser não humano, entender o animal como um sujeito, mas que apresenta formação de linguagem e percepção de mundo diferente da humana, associando aí o conceito de *outridade*. Logo, pretende-se com esse referencial teórico analisar a relação entre animalidade e humanidade observada na obra de Assis Brasil (1975), relacionando a construção do personagem Jeremias

(protagonista) à metáfora do cão utilizada na obra e à relação apresentada com o rato, que se torna companheiro do protagonista em sua cela solitária.

Os teóricos utilizados para aprofundamento do conceito de animalidade se tratam, principalmente, de Derrida (2002) e Donna Haraway (2021). Derrida apresenta na obra *O animal que logo sou* (2002) duas possibilidades de saber sobre o animal: a primeira se trata da cisão entre humano e animal, pautando o animal como uma coisa, e a segunda que trata sobre a troca de olhares entre ser humano e animal, que procura desenvolver uma conexão entre aquele que é desconhecido, sendo essa possibilidade uma tentativa de compreensão associada à poesia, com possibilidade de conhecer o outro pelos sentidos, tendo como fundamento a recusa do conhecimento exclusivamente racional. Haraway, a partir de sua relação com sua cadela Cayenne, tenta demonstrar através de seu manifesto a relação entre seres humanos e cães, e como essa relação evolutiva influenciou nossos comportamentos, além de tentar estabelecer uma relação de alteridade entre espécies. A partir dessas discussões trazidas pelos autores, pretende-se discutir como a relação do personagem, em condição de prisioneiro e “inimigo” político, pode levar à normalização das práticas de violência cometidas contra ele, assim como essa condição justifica a visão de si como animal ao longo da narrativa, além de analisar se a obra *Os que bebem como cães* traz a noção de companheirismo entre espécies e como essa relação demonstra alguma visão contemporânea sobre a relação de alteridade entre seres vivos, pautada na obra de Haraway.

Outro ponto de discussão relevante neste artigo será a importância da literatura para a permanência e a disseminação da memória coletiva sobre os acontecimentos ocorridos no período da ditadura militar. A obra de Figueiredo (2025) será uma fundamentação importante na abordagem do tema, pois a autora retrata a capacidade da literatura de aproximação entre a memória coletiva e a sociedade. Para ela, apesar da importância dos documentos oficiais, que servem para atestar o ocorrido e ser utilizado como referência para a memória coletiva, somente a literatura pode evocar, através da liberdade composicional, a proximidade com os sentimentos dos sujeitos que sofreram durante aquele período conectando o leitor com eles, por meio da singularidade da narração subjetiva.

A partir das discussões introduzidas, será possível refletir de que forma a obra de Assis Brasil retrata as práticas desumanizadoras ocorridas durante a ditadura militar, tendo como foco as estratégias de construção poética em uma obra que carrega grande teor de subjetividade do personagem principal, tendo como eixo de análise o uso da animalidade nesta narrativa, relacionando-a com possíveis maneiras de legitimação dos abusos em relação a outros viventes. Além disso, será abordado sobre a importância da literatura na construção

da memória coletiva, assim como sua capacidade de aproximação do leitor com as vivências de um período que não mais pertence a sua realidade.

O objetivo geral da pesquisa trata de verificar as representações de animalidade no livro *Os que bebem como os cães* (1975) atreladas ao regime autoritário instaurado durante a ditadura militar no Brasil, assim como as contribuições da obra para a construção da memória coletiva. Para análise da obra pretende-se levar em consideração duas perspectivas de animalidade: a perspectiva negativa que pauta o tratamento animal como depreciação do humano, sem o amparo de direitos básicos, muito atrelada à metáfora do cão relacionada ao homem, e a perspectiva positiva que entende o animal como uma figura companheira, tendo como embasamento teórico a obra de Donna Haraway e Derrida, pautando a noção de companheirismo entre espécies que será retratada entre a relação dos ratinhos e o prisioneiro. Pauta-se também de que forma a literatura se utiliza do conceito da animalização do sujeito para intensificar a retratação da crueldade em regimes autoritários; analisar se a estratégia poética do autor, ao retratar um prisioneiro do período ditatorial, pode ser utilizada como conteúdo de aproximação entre a visão inferiorizada do cão e a proximidade com o rato; e refletir a respeito das contribuições da literatura para a construção da memória coletiva.

## 2. COM OS CÃES

Na narrativa do romance, há uma quebra da rotina na cela do prisioneiro no momento em que ele consegue identificar um rato dentro da sua tigela de comida. Percebendo que não estava sozinho, o personagem logo se alegra com a presença daquele que denomina companheiro. Por estar preso em uma cela solitária durante muito tempo e sem possibilidade de se comunicar com outras pessoas, aquele rato passa a ser a única presença viva que ele pode se apegar, sendo também figura de esperança para sua possibilidade de sobrevivência:

Uma luta, no entanto, apoiada pela compreensão de que a violência era o inimigo. O rato sobrevivia ali - ele próprio poderia sobreviver na cela, no escuro, sob a luz falsa do pátio - o grito, os nomes amados, a paz que vinha do sentimento de Deus, ajudariam para que seu ímpeto primordial não fosse traído. (Brasil, 1975, p.65)

Apesar do personagem ter poucos momentos de relação concreta com o bichinho, ele realiza algumas divagações e reflexões sobre esse animal, pensando sobre sua condição naquele momento, assim como questiona o que o torna diferente daquele outro ser.

Outro momento que faz com que Jeremias reflita sobre essa relação é quando percebe a presença de mais um rato em sua cela, que logo presume ser a companheira do primeiro. No entanto, ao se deparar com mais um roedor, o humano passa a ter uma nova visão sobre aquele que vinha colocando tanta expectativa. A partir da divisão entre o que é real e imaginário em sua delirante estadia naquele presídio, a relação de Jeremias com os ratos se torna uma pequena pausa das constantes torturas sofridas naquele ambiente.

O uso da concepção de companheirismo trazida por Haraway em sua obra intitulada *O manifesto das espécies companheiras - cachorros e alteridade significativa* (2021) serve de parâmetro para analisar a relação dos ratos com o Jeremias. Esse conceito tratado por Haraway tem como premissa a coabitação entre os seres. Seguindo essa lógica, ela traz o termo espécies companheiras com o sentido pautado no compartilhamento de experiências e necessidade de convivência que beneficiam ambos os grupos envolvidos, considerando não apenas questões evolutivas causadas pela convivência histórica entre cachorros e seres humanos - que poderia ser considerada um mutualismo evolutivo - mas também as implicações sociais que essa relação e de outras espécies companheiras resultam. Em seu *Manifesto*, a autora defende a interação entre espécies companheiras através da alteridade significativa, ou seja, utilizando como premissa o respeito entre elas, levando em

consideração suas diferenças e individualidades, ao mesmo tempo que problematiza como na modernidade os seres humanos passaram a utilizar os cães e outros animais como forma de suprir suas necessidades e desejos egoístas, a partir do discurso de um amor incondicional que não respeita e os enxerga como seres diferentes da espécie humana.

Na relação entre Jeremias e os ratos de sua cela, é possível notar a necessidade de coabitação entre eles, havendo de um lado o interesse de alimentação dos ratos e de outro a necessidade de socialização de Jeremias. Seguindo a premissa de Haraway, o convívio entre esses seres não se desenvolve de maneira simples e romantizada, baseada apenas em sentimentalismos. As espécies “se moldam uma à outra ao longo da sua continuada história de coevolução” (Haraway, 2021, p. 39). Logo, a relação entre Jeremias e os ratos se torna inusitada, por seres de sua espécie conviverem com humanos de maneira contraditória, os ratos são utilizados como animais domésticos, como referências de pragas ou utilizados como cobaias para pesquisas científicas. Os ratos que convivem com Jeremias são de esgoto, que se enquadram em figuras indesejadas na sociedade.

Nos primeiros contatos entre espécies, o rato se torna para o humano uma forma de contabilizar o tempo, sendo que Jeremias levaria em consideração que o diminuto animal iria frequentar a cela uma vez ao dia em busca da refeição. Essa relação existe também devido às necessidades biológicas de alimentação do rato. O humano que compartilha a habitação da cela divaga e constrói uma relação de necessidade mútua, enxergando aquele ser de uma forma diferente da comumente vista na sociedade ocidental; exemplo disso pode ser encontrado no seguinte trecho: “[...] os bichos têm a natureza mais sábia do que o homem. Eu batizei o ratinho com o nome de *Deus*, e ele sabe tudo.” (Brasil, 1975, p.95). Nesse trecho, o rato é retratado como uma figura positiva, contrariando um costume comum de associá-lo ao asco e a doenças.

É interessante pontuar também o fato de o animal ser considerado o ser detentor da sabedoria, o que contradiz a visão cartesiana criticada na obra de Derrida, *O animal que logo sou* (2002). Nessa obra, o autor trata sobre a cisão entre humanidade e animalidade a partir do movimento cartesiano, de forma que o ser humano se diferencia dos demais animais, justamente por ser considerado o detentor da razão. Derrida realiza as reflexões sobre o tema e procura distanciar a visão hierarquizante do humano em relação às demais espécies. Nesse sentido, o autor discute que a ciência com seus métodos e experiências, assim como a Linguística, não são capazes de dimensionar a capacidade animal em se comunicar ou sentir, por não se tratar de uma experiência semelhante à humana, estando apenas a poesia com recursos para se aproximar à compreensão de outros seres.

Analisando as obras de Derrida, mas também de outros autores que investigam a animalidade, Maciel analisa em seu livro *Literatura e animalidade* sobre como a literatura contemporânea vem tratando a figura animal como criaturas mais sensíveis e complexas, abordando a relação humana com os animais como um exercício de aprendizagem. Nesse sentido, a teoria de Derrida da poesia como sentido de proximidade torna a linguagem literária uma ferramenta capaz de aproximar humanos e animais. Na narrativa, essa relação de proximidade demonstrada pela literatura ocorre de maneira um pouco diferente da defendida pelos autores. Na história, essa proximidade entre humano e rato ocorre pela convivência obrigatória entre ambos.

Essa relação se desenvolve de forma inusitada, ocorrendo episódios de companheirismo tradicionais de domesticação entre humanos e animais domésticos. Como no momento em que ele resolveu batizá-los por algum nome: “César e Julieta - os nomes lhe vieram à mente com um novo estremecimento pelo corpo. Os ratinhos estavam batizados agora, agora eles haviam terminado a refeição e ficado unidos observando-o.” (Brasil, 1975, p.96). O ato do batismo eleva os animais a uma nova condição na relação com Jeremias, torna a existência daqueles seres relevantes e denota certa singularidade a eles, mesmo que a concepção de batismo se trate apenas de uma simples ação de nomear, mas principalmente, se o personagem estiver utilizando a concepção religiosa, a qual o personagem demonstra seguir na narrativa, insinuando que ele se torna dotado de alma.

Outro elemento constitutivo do trecho é o momento que ele decide realizar esse feito, que seria justamente quando os ratos o encaram com o olhar. Se torna interessante comparar essa situação, pelo fato de um acontecimento semelhante ser citado por Derrida em seu livro. O autor comenta sua reflexão sobre a percepção dos animais, após um ocorrido com sua gata que o encara nu. A partir desse momento, o autor passa a considerar sobre as possíveis percepções dos animais e o que delimita a diferença entre o que é ser humano e o que é ser animal. Com esse acontecimento, o autor começa a refletir sobre o lugar do animal atribuído pelo ser humano, de forma que a partir do período que a humanidade se considerou como detentora da razão e passou a considerar os demais animais como “outros” se estabelece uma linha divisória entre as espécies, e o ser humano se coloca como figura superior aos demais. Ao encontro disso, o autor questiona: “Como pode um animal olhar vocês na face?” (Derrida, 2002, p.23) E dando progressão a essa ideia ele parte para a seguinte reflexão:

Se digo “é um gato real” que me vê nu, é para assinalar sua insubstituível singularidade. Quando ele responde ao seu nome (seja lá o que queira dizer “responder”, e esta será pois nossa questão), ele não o faz como um exemplar da

espécie “gato”, ainda menos de um gênero ou de um reino “animal”. É verdade que eu o identifico como um gato ou uma gata. Porém, antes mesmo dessa identificação, ele vem a mim como este vivente insubstituível que entra um dia no meu espaço, nesse lugar onde ele pôde me encontrar, me ver, e até me ver nu. Nada poderá tirar de mim, nunca, a certeza de que se trata de uma existência rebelde a todo conceito. E de uma existência mortal, pois desde que ele tem um nome, seu nome já sobrevive a ele. Ele indica seu desaparecimento possível. O meu também - e esse desaparecimento, daqui até lá, jort/da, se anuncia cada vez que, nudez ou não, um de nós sai de onde estamos. (Derrida, 2002, p. 26)

O trecho aborda sobre a singularidade da gata que convive com o autor, assim como a relevância do nome dado a ela que a torna um ser não apenas representado por sua espécie, mas como algo único e insubstituível. Partindo dessa concepção, a noção apresentada reafirma a relevância da nomeação dos ratos, em que esse ato simbólico irá dotar aqueles seres de determinada relevância e que tanto Jeremias como César e Julieta, criaturas mortais, estão determinados ao desaparecimento, restando apenas a permanência de seus nomes. Essa importância do nome é citada no livro *Os que bebem como cães* num trecho logo a frente em que o autor coloca o nome como a única forma de prevalência da memória tanto dele, quanto dos ratos que ali conviviam com ele:

Quais os seus problemas? Os problemas de um rato de cela? Comida, água, ar, para sustentar sua pequenina natureza - nenhum problema além da carcaça que um dia ainda estaria podre. E os problemas do rato maior? Sua carcaça também apodreceria, viraria pó. E ninguém se lembraria dos pequeninos ratos, a não ser que se chamassem César ou Julieta, ou Jeremias. (Brasil, 1975, p.152)

O trecho apresentado reafirma a visão apresentada por Derrida em sua obra, de forma que o nome irá prevalecer permanentemente, mesmo após o desaparecimento daqueles indivíduos.

A ideia do nome retorna, no momento em que Jeremias reflete sobre o nome César e Julieta, o personagem presume que os nomes dados a eles não seriam adequados: “Eram simples ratos de uma cela escura, convivendo com um homem também sem nome e, pior do que eles que tinham o seu fado de roedores, sem um destino a cumprir.” (Brasil, 1975, p. 105). Logo, a ideia do nome é retomada como a forma de manter uma certa singularidade a eles, naquele momento, Jeremias enxerga a nomeação dos ratos como um erro, reduzindo a figura dos animais como seres com o peso de serem apenas roedores, e menciona ele mesmo como uma criatura sem nome, demonstrando que assim como os ratos, é um ser insignificante.

E continua sua reflexão sobre nomes adequados àquelas criaturas: “[...] Mas que nome apropriado deveria ter se não fosse um rato? Se fosse seu irmão, por exemplo? Seu amigo?

Algum outro parente?”(Brasil, 1975, p.105). E logo Jeremias parte para a reflexão de que a presença deles deveria se tratar de algum significado: “Talvez os ratinhos fossem um último sinal de fraternidade, de afeição, de amor, que a sábia natureza lhe enviara para que não perdesse totalmente a sua condição de homem. Precisava pensar nisso, tinha que pensar assim em relação aos ratinhos.” (Brasil, 1975, p. 106). Esse último trecho demonstra certa desesperança do personagem em relação ao verdadeiro significado da presença dos ratos, antes ele vinha tendo aqueles seres como figuras positivas e companheiras, como prova de uma possibilidade de vida e representação de amor. Ao final de seu devaneio, ele os enxerga como mero acaso do destino:

Que eles viessem para a sua refeição, para a sua visita, para a sua companhia - não devia procurar coisas profundas nos simples acontecimentos. Os ratos eram apenas a presença de uma outra vida para que a sua não se perdesse no labirinto escuro da cela. Nada mais além disso. (Assis, 1975, p. 106)

Outra construção da animalidade como companheirismo se baseia na tentativa de comunicação de Jeremias com os ratos. Jeremias tenta tornar inicialmente o primeiro rato seu amigo de cela a partir da domesticação, conforme apresentado na passagem: “Apurou a vista e viu o ratinho, e se encheu de alegria, de felicidade. Precisava arranjar um meio de atraí-lo, domesticá-lo, torná-lo seu amigo.” (Brasil, 1975, p. 82). Essa tentativa de proximidade vai se estendendo ao ponto do ratinho se tornar uma espécie de força e lucidez ao personagem:

[...] ele agora sabia de tudo isso e se sentia mais forte, como um rato que já conhece seu pequeno mundo.  
E mais forte ficara com a presença do pequeno animal - uma prova de que o homem não vive sozinho, não pensa apenas em função de si mesmo. O ratinho era um pequeno homem que o visitava e lhe dava a sua solidariedade e o seu calor. Mudo, introvertido, mas um companheiro num mundo absurdo - a presença física importava. (Brasil, 1975, p. 84-85)

A procura de tentar buscar maior proximidade com o rato, Jeremias tenta falar com ele, refletindo sobre como sabia o momento da chegada do alimento e onde ele se escondia quando não estava em sua cela. Essa tentativa de comunicação é encerrada no momento em que ele se depara com outro ratinho. Quando Jeremias nota a presença de mais um animal, parece acordar de um transe de seus pensamentos, lugar em que vinha atrelando a figura do primeiro rato a um Deus, e ao se deparar com um segundo, nota que se tratavam de simples ratinhos de cela. Essa constatação surge devido à concepção de que Deus não precisaria de um companheiro, sendo um ser autossuficiente e solitário, concluindo que “O seu Deus era

falso - o escuro da cela era falso, a claridade do pátio - e novamente voltava a pensar no grito, no grito dos homens [...]” (Brasil, 1975, p.96).

A conclusão de Jeremias, de que os animais são simples ratos de cela, demonstra que ele não vinha associando sua figura ao entendimento concreto desses animais, sendo assim é possível notar uma espécie de antropomorfização dos ratos, não havendo a presença de alteridade entre aqueles seres. Essa antropomorfização é encontrada em diversos momentos do livro em que características humanas são dadas a César e Julieta, como no seguinte trecho:

O pequeno César talvez fosse um pequeno poderoso, um diminuto guerreiro em seu mundo, líder e senhor da guerra. Ela, o suave equilíbrio para os seus ímpetos de mortal que carrega um cetro e uma coroa. A paz, o amor, ao lado do poder e da arrogância. Pois não era sempre assim a humanidade em sua trajetória curta e limitada? (Brasil, 1975, p.97)

Nesse trecho é possível identificar uma representação humana dada aos nomes dos ratos. O César, figura histórica relevante conhecida por seu posto militar que se tornou grande ditador e conquistador do Império Romano, e Julieta, uma personagem conhecida da peça teatral Shakespeariana *Romeu e Julieta* (2016). Essa relação entre os nomes apresenta um intuito retórico da narrativa para demonstrar a divisão entre poder e amor, como uma divisão entre as capacidades humanas. O amor representa a resistência de Jeremias e sua afetividade pela família, e o ódio representa a tortura e a violência do regime militar.

Essa metaforização também se estende à divisão entre humanidade e animalidade. Na obra não há uma busca em compreender a condição animal, ou uma preocupação sobre a condição do rato, sobre suas percepções sobre o mundo e sua individualidade, diferente do que é fundamentado na obra de Derrida e Haraway. Ao longo do romance é possível notar que o personagem vai atribuindo uma constatação ruim sobre a imagem dos ratos, relacionando a parasitas, e uma metaforização negativa dos próprios seres humanos:

O prato continuava parado em seu silêncio - os ratinhos parados mais adiante, mexendo as pequenas patas, catando pulgas - tudo como um quadro, uma paisagem fixa. Os ratos, as pulgas, os homens: os parasitas. (Brasil, 1975, p. 97)

Sorriu, no seu sorriso interior que mal aflorava aos lábios - os ratos grandes e pequenos, homens e ratos, numa cela, numa prisão, os grandes se vestiam com a farda de seu comando, símbolo do poder do rato maior. (Brasil, 1975, p.178)

Além dessas constantes metaforizações, há uma explícita diferenciação entre o humano e animal, como a ideia da falta de sentimentos em animais, como citado no trecho do livro: “[...] queria pensar em algo além daquelas muralhas e paredes, em algo que distinguia um homem de um animal: o sentimento.” (Brasil, 1975, p. 45). Essa concepção se diferencia

pela defendida na obra de Derrida, pois além de colocar os humanos como não sendo animais, não há a demonstração da singularidade daquele ser.

Em seus episódios de devaneios é possível observar a constante confusão sobre a atribuição dada aos ratos de cela. Há momentos em que são utilizados como comparação para enfatizar a decadência humana e às vezes como simples companheiros. Essas constantes divagações estão relacionadas a uma relação de projeção sobre suas angústias sofridas, sem nenhuma outra possível existência viva a ser comparada, além dos roedores. Existem momentos em que o prisioneiro parece cair em si, com percepção de serem apenas ratos, com visão da sua natureza. Essa relação improvável surge como forma de sobrevivência para Jeremias, no entanto, para dar destaque ao sofrimento do personagem.

### 3. COMO OS CÃES

Na obra *Os que bebem como os cães*, a animalização é relacionada à dois animais, o cão e o rato. Na relação com os ratos, apesar de haver um convívio com o protagonista, são notórias as comparações utilizadas pelo narrador entre eles e os seres humanos, essa comparação ocorre com intuito depreciativo, como se os humanos fossem parasitas. Essa comparação ocorre em alguns momentos em relação aos prisioneiros e em outros com os carcereiros. Já a metaforização do cão é construída por meio da relação de semelhança com hábitos tidos pelo personagem, estando relacionada a ideia depreciativa do termo. Portanto, beber como um cão está relacionado à ideia de sofrimento e humilhação do ato.

A tese de doutorado de Ana Carolina Torquato Pinto da Silva, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), intitulada *Os animais na literatura brasileira: do imperialismo ecológico ao animal enquanto sujeito* (2020), realiza no capítulo intitulado “Humanos animalizados” uma análise histórica sobre a retratação da animalidade do sujeito na literatura nacional. A autora aponta também que a análise do capítulo mencionado está voltada a uma visão negativa da animalidade, relacionada à degradação do ser, que também atende ao foco da análise desta seção. No capítulo mencionado, é realizada uma reflexão, a partir das obras de Michel Foucault, sobre a intrínseca relação entre poder e animalização do sujeito. A autora estabelece um conceito de associação com animais em que essas relações são concretizadas através do poder, seja ela entre instituições ou entre indivíduos. Para estabelecer a natureza do poder tratada em sua tese, a autora menciona obras como *O nascimento da clínica* (2011), *Vigiar e punir* (2014), *Nascimento da biopolítica* (2022). Nessa e em outras obras, Foucault analisa como o poder se manifesta por meio de diversas formas e estruturas. Além disso, assim como citado por Silva, o autor trata o poder como uma “instância movediça”, podendo circular na sociedade de maneira livre e como uma instância isolada, de modo que ele é capaz de estabelecer quem será tratado como indivíduo na dinâmica social.

Graças a essa mutabilidade das formas e estruturas que contemplem o poder, ele pode ser identificado em diferentes setores históricos e sociais, sendo o setor usado por Silva em sua análise a ciência com o determinismo biológico, trazendo os diferentes aspectos do preconceito racial e socioeconômico em diferentes obras literárias. Apesar do contexto histórico tratado na obra *Os que bebem como os cães* não ter como justificativa uma questão biológica e sim ideológica de degradação do ser, é possível realizar uma relação entre a

utilização do poder para realização de determinadas atribuições de animalização do sujeito, entendido como algo inferior por uma determinada classe dominante.

Seguindo essa premissa, é importante analisar a relação hierárquica entre o prisioneiro e os seus carcereiros. Na relação entre os carcereiros e Jeremias, há a existência de uma relação de poder, isso se deve ao fato da função dos primeiros estar intrinsecamente relacionada a vigiar e manter Jeremias em cárcere, logo, o poder atrelado ali está relacionado à falta da liberdade. Além disso, há a posição social de cada um, pois Jeremias tem *status* de prisioneiro e deve seguir as regras pautadas pelos carcereiros, que têm a legitimação do Estado para mantê-lo sob aquelas circunstâncias. Outro ponto dessa relação entre as partes são as constantes violações de direitos mencionadas no decorrer da obra, momentos em que o personagem é dopado por remédios, não tem direito ao acesso à higiene básica, está isolado em sua cela, com as mãos constantemente amarradas e não pode falar. Essa última relação apontada apresenta-se como a parte principal da relação entre a animalização do ser. Isso se dá, pois todas essas atribuições ditas como básicas ao humano são violadas, tornando-o apenas um ser enjaulado sem capacidade de comunicação. À mercê das vontades daqueles demais sujeitos, a atribuição da animalidade não é dada apenas àqueles que são detentores do poder, ela é demonstrada pelo próprio narrador. Exemplo disso, pode ser identificado no trecho a seguir:

Tentou sentir algo, algum gosto, mas a coisa era neutra, estava apenas quente. Mas não era incolor como a água do pátio - mais densa, um pouco pastosa. Ou talvez não pudesse sentir o gosto de coisa alguma.  
E continuou a sorver o líquido estranho, pois se reconfortava com a sua calidez. E tomou aquilo já com certo fervor, assim como um cão aprecia a sua ração diária.  
(Brasil, 1975, p.16)

As comparações do narrador com características do personagem a um cão servem para evidenciar a precariedade do tratamento dado a ele. Essa relação de degradação associada a cães é muito utilizada, havendo uma menção trazida por Maciel em sua obra *Literatura e animalidade* (2016), em que os cães ao mesmo tempo que na condição de seres amados e dignos de receber afeto, podem ser relacionados e comparados à escória da sociedade, como vira-latas que podem ser associados a humanos que também são marginalizados. A autora discute a complexidade da relação canina com os seres humanos. Por se tratar de um animal doméstico, a figura canina tem uma familiaridade muito grande com a humana, sendo um parceiro milenar. No entanto, a relação entre ambas as espécies não é relacionada somente ao companheirismo, tal relação é também de exploração e abandono, o que leva a diversas comparações metafóricas relacionadas à figura humana e canina. Essa teoria da autora pode ser confirmada, também, através do registro de um dos sentidos da palavra registrado na

linguagem cotidiana, que a associa a uma figura depreciativa, essa associação pode ser exemplificada a partir de definições dada pelo dicionário *Houaiss Conciso* (2011) que tem como definição a palavra cão como “2 *fig.* pessoa muito má; vil 3 B *infrm.* o diabo” (Villar, 2011, p. 161).

No caso da narrativa de Assis Brasil, o personagem é um inimigo político do regime militar, fazendo com que não seja uma figura agradável àqueles que estão na posição de poder. Logo, o sentido da palavra cão, atribuída àquele indivíduo, é de inferiorização, relacionando assim a figura negativa desse animal. São diversos os momentos em que o livro apresenta essa relação. Inicialmente, a comparação é feita pela forma que o personagem se alimenta. Ele está com suas mãos amarradas para trás, por isso não consegue aproximar a vasilha de sopa para comer. Com isso, ele precisa realizar um movimento semelhante aos cães para tomá-la, relacionando assim ao título dado à obra. Esse ato de comer está relacionado à humilhação do gesto, pois Jeremias está se alimentando de uma sopa sem sabor, vivendo de restos e devendo depender dos “cuidados” de outros humanos, tendo também que realizar um gesto representativo de submissão, que seria se ajoelhar e abaixar.

Outro aspecto relacionado à característica canina está no hábito de estar preso e sua incessante espera pela companhia. Por estar sozinho em sua cela, até mesmo a presença de seus carcereiros se torna reconfortante para ele, pois sabia que o levaria ao seu breve gosto de liberdade, como apresentado no trecho: “Tinha que descobrir. Tinha que passar para o outro lado. Por isso ficou alegre e desperto quando ouviu as botas duras em sua aproximação ritmada.” (Brasil, 1975, p.126). A cena descrita se assemelha a cães que vivem em função da saída para um passeio, que seria a retratação do pátio no livro e a espera pelo dono, que seriam os guardas da cela. Essa espera e ansiedade durante a aproximação dos guardas demonstra a relação de submissão do prisioneiro que deve apenas obedecer, estando à mercê das vontades e decisões de seus carcereiros. Isso se dispõe em todos os ambientes frequentados por Jeremias. No pátio ele deve permanecer amarrado e amordaçado. Essa situação se mantém até o momento em que ele vai se banhar. Caso algum prisioneiro não respeite as regras de submissão dada a eles, ocorre a punição de menos visitas ao pátio e suspensão do alimento do dia.

Outro momento de animalização do sujeito é quando o prisioneiro se depara com a companheira do rato. Nesse momento, é possível identificar que o narrador realiza uma espécie de metaforização: “Ele agora tinha uma companheira, e os dois lutavam pela pequenina vida que os animava, sem pretensões, sem ideais, sem apelos mais distantes do que de serem simples ratos de uma cela escura.” (Brasil, 1975, p.96). Essa metaforização busca

retratar o que é vivenciado pelos próprios prisioneiros. Sendo assim, é realizada uma animalização em que eles são comparados a ratos de cela, que não deveriam ter ideais, apenas preservar por suas próprias vidas.

Essa concepção de falta de ideais é associada a partir de uma postura esperada pelos próprios guardas da prisão que não permitiam contato entre os prisioneiros, nem qualquer tipo de manifestação, além de se recusarem a dialogar com eles. A própria prisão do personagem ocorre justamente por questões ideológicas. Ao final do livro, Jeremias, professor de literatura, relembra momentos de conversa com os guardas, em que ele é acusado de incitar os estudantes: “quer dizer que agita os estudantes dessa maneira?” (Brasil, 1975, p. 175). Outro aspecto simbólico de silenciamento dado pelos guardas é a postura exigida aos prisioneiros que se assemelha a uma espécie de viseira. Na prisão é retratado a impossibilidade de se virar para os lados, olhando somente para frente:

Ainda lhe era proibido olhar dos lados ou encarar os guardas. Nenhum contato com os vizinhos: olhar só em frente, onde os homens atarefados com a sua obrigação - que poderia representar a sua sobrevivência - também nada tinham a dizer aos companheiros. Ou tinham muito, e como ele estavam sufocados. (Brasil, 1975, p. 24-25)

Essa ideia de monotonia e falta de ideias remete também à própria ditadura em meio a sociedade, que tinha como justificativa da prisão e censura de meios de comunicação questões partidárias, manifestações e críticas contra o governo. Nesse sentido, essa busca por neutralidade e falta de crítica exigida reflete no que é esperado das atitudes dos cidadãos, caso contrário, serão perseguidos e punidos.

A narrativa apresenta também episódios de banalização da vida dos prisioneiros, isso se apresenta na falta de auxílio e condições básicas de sobrevivência, mas se fortalece no momento do suicídio dos prisioneiros: “Por enquanto os homens de farda deixam que ele fique por ali. Não está incomodando. Eles talvez até achem engraçado o seu trabalho inútil em perspectiva, o sacrifício sem meta.” (Brasil, 1975, p.182). Nesse momento, o personagem vai em direção ao muro que os prisioneiros têm costume de cortar seus pulsos, e apesar dos guardas saberem as suas intenções, não se importam com seu destino, demonstrando a irrelevância da vida tanto do protagonista da história, quanto da vida dos demais encarcerados.

Além disso, durante toda a narrativa é perceptível uma espécie de deterioração da mente e corpo do personagem, sendo que o fato de estar isolado, não poder se comunicar, não ter acesso a banheiro para sua higiene pessoal, dentre outras condições mínimas de

sobrevivência, demonstram que há intenção de degradar a existência daquele indivíduo até que sua única alternativa seja a própria morte. Essa alternativa se faz tão deteriorante que a morte dos prisioneiros é tida como uma espécie de escolha, mas era apenas uma saída a uma tortura diária e incessante. A relação comentada condiz com o que é especificado por Silva no conceito de visão de poder, pois há uma espécie de determinada condição que naturaliza e permite aquele tratamento entre os guardas e prisioneiros, fazendo com que aqueles indivíduos não sejam mais considerados dignos de um tratamento “humano”.

A utilização da metáfora do cão representa uma característica naturalista, que é a base das análises de Silva no capítulo “Humanos animalizados”. Neste capítulo, a autora busca relacionar a comparação das características animais a humanos identificadas em diferentes períodos literários. Segundo sua pesquisa, nas literaturas analisadas por ela, essa relação entre humanos animalizados foi realizada tanto para perpetuar determinados preconceitos, quanto para contestá-los ao longo das escritas literárias.

No caso da obra de Assis Brasil, o tema do naturalismo foi utilizado como forma de problematizar e aprofundar o que é definido como humano e os limites ultrapassados pela ditadura a partir da violação de direitos. Atendendo uma característica marcante desse movimento, a obra apresenta a busca em representar a realidade vivida naquele contexto histórico, sendo utilizados aspectos que demonstram essa intenção, como apresentado na citação de Ernesto Sábato na epígrafe do livro: “A verdade histórica está muito mais na novelística do que no próprio relato dos fatos que constituem a história reconhecível como tal.” (Sábato, *apud* Brasil, 1975, p.5). O trecho já serve como uma espécie de mensagem ao leitor para informá-lo sobre a relação entre ficção e verdade, dando a entender que o que seria tratado ali, não necessariamente seria apenas invenção.

Essa concepção, atrelada à ideia de registro histórico, atende a ideia de literatura como arquivo, tratada por Figueiredo em seu livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2025). A autora realiza uma pesquisa sobre a narrativa de obras literárias relacionadas à temática, sendo utilizados como análise apenas livros identificados como obras literárias e com expressão de uma subjetividade, com capacidade de transmitir os sofrimentos e traumas das vítimas daquele período. A obra tenta promover a ideia de literatura como forma de promoção de uma memória coletiva sobre os eventos esquecidos durante aquele período, pois para a autora esse tipo de narrativa serve para “transmutar elementos relacionados ao trauma em uma “experiência estética compartilhada” (Figueiredo, 2025, p.17).

O conceito de experiência estética compartilhada é realizada na obra *Os que bebem como os cães* mediante uma rica transmissão de subjetividade, pois o narrador é um narrador

onisciente, em que podemos ter contato com todas as impressões e sensações vividas pelo personagem. Além disso, a descrição do espaço da obra consegue causar ao leitor uma sensação de sufocamento, como a descrição do cheiro, da escuridão e da estrutura da cela em que o personagem está preso como apresentada no trecho a seguir:

Aos poucos ia apalpando o escuro da cela, o silêncio da escuridão, o zumbido do próprio corpo - estava no chão frio: não era cimento nem tijolo, terra batida, úmida, mas não molhada ao ponto de ensopar sua roupa - os braços para trás das costas, os pulsos algemados.

Aos poucos ia apalpando o chão com o corpo, de bruços, o rosto quase a tocar a areia: - sentia o cheiro da terra - uma terra velha e usada, com cheiro de mofo, com cheiro de urina - sentia as paredes, mesmo sem vê-las na escuridão: a opressão do cubículo estava em seu corpo, em seus poros. (Brasil, 1975, p.7)

Outro elemento que contribui para essa sensação é a limitação de espaços que ele possui, sendo apenas a cela e o pátio. O autor também faz uma construção repetitiva dos capítulos “A cela”, “O pátio” e “O grito”. Esses capítulos são repetidos seguidamente até o encerramento da obra. Tais aspectos fazem com que o leitor possa “dividir” a sensação de estar preso, vivenciada pelo personagem.

A proximidade entre leitor e personagem é desenvolvida também por meio da recuperação de suas memórias à medida que a narrativa vai progredindo, isso se deve pela leitura fazer com que o leitor possa vivenciar a construção do “eu” em Jeremias. A história começa com o prisioneiro sem saber seu nome, sua vida e o motivo de estar preso. Com isso, sua memória vai sendo reconstruída aos poucos.

A primeira memória recuperada por ele eram vagas lembranças sobre sua mãe e o nome de sua esposa, todas recuperadas a partir de gatilhos, sendo os nomes ditos pelos outros prisioneiros no momento que estão no pátio. Esses acontecimentos fazem com que haja mais progressividade na narrativa, pois esse processo possibilita a percepção do personagem sobre o ambiente e as motivações de estar preso naquela cela. No entanto, isso não ocorre de maneira simples, sendo um processo confuso e demorado, com o personagem tendo dificuldades em identificar o que é real e o que é falso, se perdendo temporalmente e se enganando sobre os fatos ocorridos dentro da cela e do pátio, estando alheio à maioria dos acontecimentos vividos lá dentro. Essa confusão mental se justifica pelo enclausuramento em uma cela solitária e escura, mas, principalmente, por estar sendo dopado pelo alimento e pela água disponibilizada a ele e aos demais prisioneiros. Esse processo cria uma descoberta conjunta entre leitor e personagem, fazendo com que ambos consigam conectar as informações despedaçadas na memória de Jeremias.

Mais um fator que busca trazer a conexão afetiva entre leitor e personagem são alguns aspectos tradicionais da sociedade que buscam gerar maior comoção no público. Esse aspecto se dá pela recuperação das memórias de Jeremias estarem relacionadas a sua família, como mãe, esposa e filha, além da demonstração de aspectos religiosos com crenças majoritárias do país. Sua religiosidade traz maior proximidade com as crenças comuns, fazendo com que o personagem se torne mais “humano” aos olhos do público, assim como uma maior percepção de injustiça e inocência por estar ali preso. É perceptível que não há ambiguidades sobre o caráter de Jeremias, não há uma discussão sobre falhas ou desvios de caráter que poderiam levar o público a uma confusão sobre os acontecimentos. Jeremias é apenas um homem comum que acreditava na arte como libertação e desenvolvimento crítico do mundo ao redor: “[...] Hoje é meu aniversário, tenho quarenta e dois anos, não estou tão velho assim, minha família me respeita, meus alunos, sou um professor, falo sobre arte, sobre a utilidade da arte num mundo de inúteis, tudo não é economia, professor?” (Brasil, 1975, p.174).

A reconstrução da memória de Jeremias se torna simbólica também, por representar a reconstrução dos processos e mortes encobertas durante a ditadura. Isso pode ser comprovado pela ideia apresentada por Sussekind que analisa a geração de 70 como fortemente relacionada à transmitir, por meio da literatura, aquilo que é vivenciado na realidade (Sussekind, 1984, p.182). Sendo assim, a história de Jeremias busca representar a de muitas outras vítimas reais da ditadura que não puderam ser registradas, assim como uma forma de denunciar os acontecimentos que não eram divulgados à população. Logo, a recuperação da memória de Jeremias se torna a recuperação de algo esquecido pela história oficial e que com aquela narrativa pode tornar a ser uma forma de permanência da história das vítimas daquele período.

O autor utiliza na narrativa uma forma metafórica de passar essa mensagem, que é através do sacrifício dos detentos. No momento final da narrativa, quando Jeremias resolve cometer suicídio há a seguinte reflexão do personagem:

Já apalpa o muro, a sua dureza áspera. Acaricia as manchas impregnadas de sonhos. E estremeceu ao pensar que não fossem simples manchas, mas sinais, algo que algum dia seria revelado. Apalpa o muro, sabe que enxerga pouco - cada centímetro quer dizer um pequeno túmulo. Um palmo, uma legião de homens sofredores. A mancha maior, centenas de paixões inúteis. (Brasil, 1975, p.182)

O trecho simboliza a memória daqueles que se foram e não terão um registro ou um túmulo. Segundo o trecho, aquele muro representa as diversas mortes ocorridas dentro da prisão, além de ser a prova do que ocorreu ali.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo geral a análise da representação da animalidade presente na obra *Os que bebem como cães* e as contribuições dessa literatura para construção da memória coletiva, foram apresentadas discussões divididas em duas partes do artigo, a que diz respeito a animalidade atrelada à noção de companheirismo e a que diz respeito à animalidade como degradação do ser humano. Foram discutidas também as características da obra que geram uma sensação de proximidade entre leitor e personagem, procurando gerar mais comoção em relação aos acontecimentos vividos durante a ditadura militar, além de denunciá-los.

Utilizando diferentes aportes teóricos sobre a temática, foi possível perceber que a animalidade apresentada no livro *Os que bebem como os cães* se manteve majoritariamente em relação à construção da degradação do ser humano, tendo como legitimação o uso do poder do Estado. Essa degradação se deu intrinsecamente relacionada às divisões de poder que determinaram a condição do personagem ser tratado como figura inferior, por ser uma figura marginalizada naquele contexto. No entanto, a visão animalizante se estendeu também nas figuras detentoras do poder, reprodutores da violência e tortura, de forma que os militares foram citados como “vermes” e “ratos” durante a narrativa.

O conceito de animalidade como companheirismo foi retratado pela figura do ratinho ao lado do personagem principal. A partir da necessidade de companhia do prisioneiro, ocorre a construção de um elo entre ambos, demonstrados por atos simbólicos como o batismo do ratinho. Essa relação é construída em um processo que busca tornar o ratinho um reflexo das angústias e sofrimento vivido por Jeremias. Apesar de haver a relação de companheirismo e reflexões sobre as características do ratinho, é notável um grande uso da antropomorfização, ocorrendo também uma utilização metafórica sobre o prisioneiro se sentir um animal enjaulado e sujo.

Alguns aspectos relacionados à coabitação, mencionados por Haraway em seu livro *O manifesto das espécies companheiras - cachorros e alteridade significativa* podem ser considerados na relação entre o prisioneiro e os ratos. Isso ocorre, pois há uma representação de uma relação real entre seres de diferentes espécies que necessitam uma da outra. Nesse caso, a relação entre eles está na necessidade de companhia de Jeremias e na necessidade de alimentação dos ratos. No momento em que ele decide domesticá-los, existe ali uma função

benéfica para cada espécie na relação, sendo um dos atributos necessários para a relação entre espécies companheiras pautada por Haraway.

São identificados também elementos importantes para a construção da “experiência estética compartilhada” pautada na obra de Figueiredo (2025), tais como o uso da subjetividade, a rica descrição dos sentimentos vividos dentro da cela, assim como a evidenciação da humanidade de Jeremias, através da sua contrariedade da violência, seu amor pelas pessoas que ficaram para trás e sua empatia com o ratinho.

Portanto, é possível verificar que a obra se torna um elemento significativo para aproximação entre leitores com as vivências do personagem, além de promover a reflexão do passado histórico vivido na ditadura militar do Brasil. Além disso, o uso da animalização como degradação do ser e aspectos do companheirismo entre rato e humano contribuem para questionar e evidenciar a situação de exploração dos prisioneiros apresentada na narrativa da obra, sendo elemento crucial para a construção do cenário degradante do personagem.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Assis. **Beira rio, Beira vida**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

BRASIL, Assis. **Os que bebem como os cães**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975.

BRASIL, Assis. **O aprendizado da morte**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1976.

BRASIL, Assis. **Deus, O sol, Shakespeare**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.

BRASIL, Assis. **Os crocodilos**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.

BEZERRA, Roger. **Francisco de Assis Almeida Brasil**. Academia Piauiense de Letras, Teresina, Piauí, Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.academiapiaiusedelettas.org.br/francisco-de-assis-almeida-brasil/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

CENTRO DE REFERÊNCIAS MEMÓRIAS REVELADAS. **Comissão Nacional da Verdade**. [S. l.: S. n.], 2014. Disponível em: <https://cnv.memoriasreveladas.gov.br/#>. Acesso em: 6 de agosto de 2025.

CONGRESSO NACIONAL. **Lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995**. [S. l.: S. n.], 1995. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19140.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19140.htm). Acesso em: 6 de julho de 2025.

DE MORAES, Maíra Castanheiro Magalhães. **Poesia Marginal**: um ensaio de carnaval. [S. l.: S. n.], 2012. Disponível em: [https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012//maira\\_castanheiro\\_magalhaes\\_tra\\_revisado\\_0.pdf](https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012//maira_castanheiro_magalhaes_tra_revisado_0.pdf)

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como testemunho da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2025.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. SELIGMANN-SILVA, M. **História memória e literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora Unicamp, p. 59-88, 2003.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. **Memórias da ditadura**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br>. Acesso em: 28 jul. 2025.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Trad. Pê Moreira. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades**: Zooliteratura e os limites do humano. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5**. São Paulo: Revista Brasileira de História, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/jZh4sttTXLWN5KJMWXJNQzt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 6 de agosto de 2025.

SILVA, Ana Carolina Torquato Pinto da. **Os animais na literatura brasileira**: do imperialismo ecológico ao animal como sujeito. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/69723>.

SILVA, Irisvelto da; SANTANA, Messias; SILVA, Rafael da. **Traços estilísticos em Os que bebem como os cães, de Assis Brasil**. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 1, 2004. ISSN: 1806-2555. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2004/tracos-estilisticos-em-os-que-bebem-como-os-caes-de-assis-brasil/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.